



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

APROXIMAÇÕES ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO E TEORIAS DE GÊNERO

Universidade Católica de Pernambuco - José Orlando Carneiro Campello Rabelo

Universidade Católica de Pernambuco - Maria Cristina L. de Almeida Amazonas

INTRODUÇÃO

Butler afirma que gênero é uma identidade fragilmente construída ao longo de anos de uma repetição estilizada de atos e na estilização do corpo. Propomos associar esta compreensão ao pensamento Foucaultiano. Para ele um dos principais objetos da sujeição seriam os corpos e vivências que deles derivam, seria fundamental, portanto, compreender o funcionamento dos contínuos processos de sujeição de corpos, gestos e comportamentos, em especial pelas práticas discursivas.

O discurso é um conjugado de enunciados referente a uma mesma formação discursiva, o que induzirá a afirmar que as palavras alteram de definição quando atravessam de uma formação discursiva para outra. Ele está evidente nos atos discursivos que se retornam para a composição de um campo autônomo, observados que tais atos discursivos ganham sua autonomia depois de serem aprovados.

As relações de gênero no campo das subjetividades anunciam relações de poder-saber, que modelam, alteram, que em suma, dobram e desdobram o indivíduo e rompem com a concepção intimista de self. Neste cenário nos aproximamos da conceituação de discurso em Foucault que é um conjugado de enunciados referente a uma mesma formação discursiva, o



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

que induzirá a afirmar que as palavras alteram de definição quando atravessam de uma formação discursiva para outra.

Para Butler é nas práticas performativas de reiteração que se dão, através das dimensões simbólicas da linguagem e da cultura, as relações, a partir de então, os corpos tornam-se passíveis de serem pensados. Por outro lado, Foucault constrói todo um arcabouço de conceitos e noções que possibilitam uma teorização-crítica das práticas discursivas e não discursivas e das relações de poder que as sustentam, o que possibilita pensar o pensamento e a realidade em termos relacionais, em suas tensões e conflitos que invariavelmente possibilitam desmanchar e reconstruir vivências, normas lugares e papéis. Este encontro de pensamentos possibilita, para além de métodos, perspectivas analíticas para a compreensão de fenômenos dinâmicos e complexos como as relações de gênero.

GÊNERO OU GÊNEROS?

Em uma perspectiva pós estruturalista não há uma essência de sujeito, e inexistente a distinção sexo/gênero, não é possível construir uma equação em que gênero decorre de determinado sexo. Butler afirma que esta associação entre os conceitos seria supostamente natural, pois na teoria que define a identidade dada pelo gênero, e não pelo sexo (cultural X biológico), existe uma aproximação com a ideia de essência. Dito de outra forma, se sexo é biológico, natural, e gênero é uma construção social, ou determinante cultural, este último seria uma expressão de uma essência do sujeito. Haveria, para Butler, uma unidade metafísica nesta relação.

Em seu livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”(2003), Judith Butler propõe discutir gênero como atos performativos e uma teoria das performances. Para ela o gênero como ato performativo pode se manifestar em qualquer corpo, desvinculando-se, portanto, da tradição que vincula inexoravelmente corpo a gênero. O corpo, neste estatuto, não seria apenas algo natural, mas uma superfície politicamente regulada.

É fundamental apontar que não se pretende abandonar a categoria “sujeito”, afinal toda luta feminista se baseia na construção das mulheres como “sujeitos de direitos”, nas



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

palavras de Butler o sujeito nunca existiu. Utilizar esse modelo seria adotar modelos de dominação que resultaram na própria opressão das mulheres posto que uma das formas de dominação mais comum repousa na regulação e produção de sujeitos (BUTLER, 1998).

Observa-se, portanto, que a própria ideia de dois sexos, embora aparente ser um avanço da ciência, significa muito pouco em uma conjuntura sociocultural marcada por séculos de dominação. Só houve uma “constatação” das diferenças anatômicas respondendo a um clamor social associado a múltiplas causas. “Dois sexos’ aqui se refere, não aos claros e distintos tipos de seres nos quais pensamos quando falamos de sexos opostos, mas às delicadas nuances do sexo único. Não há, por exemplo, gênero inerente ao desejo, logo à cópula” (LAQUEUR, 2001, p.66).

Com a concepção de gênero como performance Butler pensa o corpo como tão cultural quanto gênero, além disso, ela também desconstrói a consideração metafísica da identidade (de gênero). Discute que não existiriam identidades precedendo o exercício das normas de gênero, pois o próprio exercício acaba por criar as normas. Porém, chama também a atenção, de que a repetição dessas normas como performance acabam por criar possibilidades de burlá-las.

Ainda nesta perspectiva, retomando Butler, observa-se que sendo o gênero uma fantasia instituída e circunscrita sob a superfície dos corpos, os “gêneros” não poderiam ser nem verdadeiros nem falsos, mas produções dadas como efeitos de verdade de um discurso sobre identidade.

Buscar lugares entre feminilidades e masculinidades não seria o caso, ao invés disso, Butler propõe que se deve compreender e aceitar a instabilidade e oscilação que estes lugares instituem, abandonando o que chama de “comodidade metodológica” (BUTLER, 2003).

Os gêneros performativos, conforme pensados por Butler, não comportam essências ou identidades em suas representações corporais. Gênero como performance aponta a necessidade de repetição que segundo Butler se configura numa “repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2003). Assim o discurso seria um profícuo caminho para compreensão destas possibilidades.

FOUCAULT E ANÁLISE DO DISCURSO



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Para Foucault analisar o discurso seria compreender as relações históricas, de práticas visíveis que estão presentes nos discursos com semelhança a avaliação do discurso como prática social, desta forma o discurso estará sempre unido às relações de poder.

Para compreender o que é genealogia do poder em Foucault, será imprescindível apreender o pensamento de Nietzsche com relação à genealogia.

[...] a genealogia nietzschiana é oposta a genealogia de Paul Rée. Enquanto esta prega a continuidade, a genealogia nietzschiana prega a descontinuidade da história. Para Nietzsche a história não é formada por cadeias de signos, que se sucedem e substituem-se ininterruptamente de uma forma meramente casual. (SOUZA; MACHADO; BIANCO, 2008, p. 6)

A genealogia de Nietzsche não busca a origem histórica, pois a procura de uma origem implica a vivência de uma “essência” ou de uma “verdade” que está esperando para ser descoberta, compõe-se como algo arrebatado que se deu em determinado momento.

A relação da história para a genealogia será construída de rupturas e descontinuidades. Na análise de poder, Foucault preocupa-se em estudar o porquê do domínio de um saber, quais condições externas proporcionam o domínio de um determinado saber. É por meio da análise do porquê dos saberes, que se pretende “explicar sua existência e suas transformações situando-o como peça de relações de poder ou incluindo-o em um dispositivo político, que em uma terminologia nietzschiana Foucault chamará genealogia” (Souza; Machado; Bianco, 2008, p. 13).

Foucault irá instituir uma analítica de poder, e não uma teoria.

Foucault, como todo genealogista, estabelece assim uma analítica e não uma teoria sobre o poder, ou melhor, procura acompanhar o processo de transformação das relações de poder em lugar de fixar definições colocadas em uma busca da verdade, o poder não possui uma natureza, uma essência, uma origem, uma unidade, um objeto, ao contrário, poder é heterogeneidade em constante transformação (Foucault, 1979 apud Souza; Machado; Bianco, 2008, p. 13)

De acordo com Foucault poder é uma relação de forças, ou melhor, toda relação de forças é uma relação de poder. Sendo assim, o poder causa relações de força, que se revelam em todas as práticas sociais. Em resumo, para Foucault o poder não existe, o que existe são relações e práticas sociais onde o poder é exercido. (Souza; Machado; Bianco, 2008)



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Neste sentido poder não é um objeto ou um sujeito, mas uma relação. Portanto, o poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canais muito mais sutis, é muito mais ambíguo, porque cada um de nós é, no fundo, titular de um certo poder e, por isso, veicula o poder.

Na subjetividade anunciam relações de poder-saber, que modelam, alteram, que em suma, dobram e desdobram o indivíduo, no qual irrompem com a concepção intimista de subjetividade.

Para Foucault não existe subjetividade e sim processos de subjetivação. Mas o que seriam processos de subjetivação? Machado L. (1999: 214) esclarece: que acreditamos ser nossa personalidade, nosso mais íntimo desejo, são expressões-em-nós da história de nossa época. A própria necessidade de acreditarmos que temos coisas que nos são particulares e que nos diferenciam do resto do mundo é uma produção própria do momento que vivemos hoje. Nós somos atravessados por toda uma complexa teia de aspectos desejanter, políticos, econômicos, científicos, tecnológicos, familiares, culturais, afetivos, televisivos... Entretanto, cada um de nós tem uma história de vida que é singular, mas que não é interior. (Souza; Machado; Bianco, 2008, p. 20 – 21)

Observam-se três dimensões autônomas, mas que se implicam constantemente na constituição do indivíduo: saber, poder e si. Saber é determinado pelo visível e o enunciável. O poder é determinado por meio das relações de forças. O si é determinado pelos processos de subjetivação, ou melhor, pelos locais onde passa a dobra. Assim, não existem sujeitos, mas processos de subjetivação.

Concluindo, é verificado que há três concepções fundamentais com relação ao poder em Foucault: a primeira é que o poder tem como característica ser negativo e positivo desta maneira forma o indivíduo. A segunda é que o poder é um exercício e não deve ser possuído. A terceira o poder tanto é transposto pelo dominante como pelo dominado.

Quando falamos em análise do discurso, basicamente imaginamos um sentido. E se determinada coisa faz sentido é porque o sujeito produz sentido, pois o sentido é uma afinidade no qual o ser humano encontra alterações, irregularidades, formulando assim novas proeminências. “O fazer sentido é efeito dos processos discursivos que envolvem os sujeitos com textos e, ambos, com a história.” (JERONYMO, 2005, p. 135)

Uma formação discursiva congrega um conjunto de casos enunciativos. Sendo assim, para Foucault a questão fundamental para a análise do discurso deve ser a verificação sobre a qual é “essa irregular existência que surge no que se diz e em nenhum outro lugar” (JERONYMO, 2005, p. 137). O discurso é resultado de diversos sistemas de controle da



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

palavra, resultante de diversas práticas restritivas, tanto daquelas que limitam o que pode ser dito, quanto daqueles mecanismos que delimitam os horizontes da produção e recepção do sentido.

Segundo Foucault (1986), O enunciado em si não constituiria também uma unidade, pois ele se encontra na transversalidade de frases, proposições e atos de linguagem: ele é sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente.

Não existe enunciado que não seja amparado em um anexo de signos, mas o que é de suma importância é o fato de que seu emprego distingue-se por quatro dados básicos: “um referente; um sujeito; um campo associado; e uma materialidade específica.” (FISCHER, 2001, p. 202)

Apresentar um enunciado, assim sendo, dar conta dessas particularidades, é entendê-lo como acontecimento. Se ao delimitar uma formação discursiva, descobriremos algo dos enunciados. Mas o que é de fato formação discursiva?

(...)um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. (FOUCAULT, 1986, p. 82)

Ao avaliar um discurso, não permanecemos perante a manifestação de um sujeito, mas sim enfrentamos com a sua disseminação e descontinuidade.

Quando Foucault descreve que especificados são povoados, em suas margens, de tantos distintos enunciados, é assim assegurado o ato do interdiscurso da luta dos diversos campos de saber-poder “[...] considerar a interdiscursividade significa deixar que afluam as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos; enfim, significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz a todo discurso.” (FISCHER, 2001, p. 212)

O “método” foucaultiano que orienta a visão de um analista de discursos sociais é designado de aquigenealógico. Ele admite problematizar a relação entre verdade e conhecimento, valores, instituições e práticas sociais de donde os discursos surgem. Neste discernimento ao pesquisador competiria a instalação de um arquivo que confirmasse o jogo de regras do advento desses discursos.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

CONSIDERAÇÕES

Foucault define discurso como o conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação; assim se poderia falar de discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátrico. Daí decorre em Foucault a noção de dispositivo e, finalmente de prática que enlaça a análise do discursivo com o não discursivo. Foucault usa a noção de linguagem para definir o que entende por discurso, por práticas discursivas.

Uma prática discursiva não é um ato de fala, não é uma ação concreta e individual de pronunciar discursos, mas é todo o conjunto de enunciados que “formam o substrato inteligível para as ações, graças ao seu duplo caráter de judicativo e veridicativo” (VEIGA-NETO, 2007, p.93).

Isso significa que nossas práticas discursivas formam, sistematicamente, o mundo de que falamos, nossa maneira de compreendê-lo, de significá-lo (VEIGA_NETO, 2007)

Foucault não trabalha com unidades tradicionais de teoria ou esquemas postos aprioristicamente, ele preferiu investigar um conjunto de enunciados que podem ser associados a um mesmo, e próprio sistema de regras, ao que denominou formação discursiva.

O discurso seria um conjunto de enunciados ligados a uma mesma formação discursiva, assim sendo, as palavras adquirem sentidos diferentes em diferentes formações discursivas.

Estas formações não devem fechar-se em unidades, dado seu caráter histórico, portanto temporal, e não imanente. Entretanto, o autor fala que é possível analisá-las a partir de sua confrontação com outros agrupamentos discursivos que as cercam.

Tomando-se, pois o discurso das participantes eles serão analisados sem preocupação com a sua lógica interna, nem com nenhum conteúdo de verdade que carreguem, sem buscar neles uma essência original.

O que importa é, tão somente, lê-los e tratá-los no jogo de sua instância. Nesse caso, até mesmo os silêncios são apenas silêncios, para os quais não interessa procurar preenchimentos; eles devem ser lidos pelo que são e não como não-ditos que esconderiam um sentido que não chegou à tona do discurso (VEIGA-NETO, 2007, P. 98).

Para Butler é nas práticas performativas de reiteração que se dão, através das dimensões simbólicas da linguagem e da cultura, as relações, a partir de então, os corpos tornam-se passíveis de serem pensados. Ao inserir-se em uma matriz feminista ela estaria



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

ainda fugindo politicamente do conceito de identidade fixa, para algo que desorganize a pluralidade, deixando em suspenso e em aberto a questão da identidade (MELLO, 2012).

Em suas obras Foucault constrói todo um arcabouço de conceitos e noções que possibilitam uma teorização-crítica das práticas discursivas e não discursivas e das relações de poder que as sustentam, o que possibilita pensar o pensamento e a realidade em termos relacionais, em suas tensões e conflitos que invariavelmente possibilitam desmanchar e reconstruir vivências, normas lugares e papéis.

Ele não apresenta uma teoria, no sentido de um corolário definido e sistematizado, nem tão pouco trata de propor um método o que, por outro lado não nos impede de buscar um esboço dos caminhos por ele percorrido:

Tomando constituir no sentido de formar, organizar, estabelecer, penso que as máximas foucaultianas constituem uma teoria e apontam um método ou, talvez melhor dizendo, constituem uma teorização - como um conjunto aberto/inacabado de práticas que se valem de diferentes métodos. Mas lembro, mais uma vez: teoria e método têm de ser entendidos, aqui, numa perspectiva não iluminista. E têm de ser entendidos como ponto de chegada de cada caso. O ponto de partida de Foucault jamais foi uma teoria que lhe dissesse o que é ou como deve ser o sujeito, como deve ser uma instituição, como deve ser uma moral e assim por diante. Jamais foi uma teoria-figurino que ele depois viesse a usar como medida-padrão-modelo-gabarito, na montagem de um método, para identificar o quanto, o porquê, o como, o em que cada um se afastou daquilo que deveria ser como sujeito; ou cada instituição, ou cada configuração social e política, ou cada código moral etc. se afastou de um suposto modelo (VEIGA-NETO, 2009, p.92).

Este autor apresenta uma perspectiva de poder enquanto relacional, que ocorre no cerne das vivências humanas, em todos os momentos e em todos os espaços da vida social cotidiana, onde os “sujeitos” vivem, onde residem seus discursos, práticas, jogos e lutas.

Assim, justifica-se a abordagem da análise do discurso enquanto método de investigação em “gênero” que se desenvolve sob a seguinte perspectiva: a de estabelecer a relação entre a pessoa e o mundo e, assim, fazer compreender a inquestionável implicação entre o eu e o outro, entre a singularidade de uma vida e as grandes estruturas da vida humana.

A análise do discurso, associada as teorias de gênero, pode ser considerada instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais.

Ela fornece, portanto, base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

fenômenos históricos. Não se deve buscar, portanto uma confirmação, ou validação do dado colhido, mas de estabelecer uma análise descritiva que permita-nos estabelecer elos de entendimento das noções teóricas às vivenciais.

REFERÊNCIAS

Butler, Judith. **Actos performativos y constitución de género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista**. Debate Feminista, 1998. Disponível em <<http://www.debatefeminista.com/PDF/Articulos/actosp433.pdf>>, acesso em: 20 de Março de 2013.

Butler, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Fischer, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa em educação. São Paulo, n. 114, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>, acesso em: 30 de Março de 2012.

Foucault, Michel. "Soberania e disciplina". In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Foucault, Michel. **O sujeito e o poder**. In H. L. Dreyfus e P. Rabinow, Michel Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica (pp. 231-249). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

Foucault, Michel. **Ética, sexualidade, política** (Ditos e Escritos V, 2ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Foucault, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1984.

Jeronymo, Celina. **Análise do discurso: as marcas do sujeito**. Revista Conteúdo, 2005, p. 135.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Laqueur, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2001.

Medrado B; Mélo RP, **Posicionamento crítico e ético sobre a violência contra as mulheres**, 2008.

Mello, Ricardo Pimentel. **Corpos, heteronormatividade e performances híbridas**. *Psicologia e Sociedade*, Florianópolis, v. 24, n. 1, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>, acesso em: 30 de Março de 2012.

Souza, E. M; Machado, L. D; Bianco, M. F. **O homem e o pós-estruturalismo Foucaultiano: implicações nos estudos organizacionais**. *Revista Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 15, n. 47, p. 71-86, out-dez, 2008.

Veiga-Neto, Alfredo. **Teoria e método em Michel Foucault (im) possibilidades**. *Cadernos de educação (UFPel)*, v. 1, p. 11-23, 2009.